



LISBOA, 1 DE JULHO

N.º 6

A TRANSFIGURAÇÃO

Meus senhores, minhas senhoras:

Aqui a tendes agora todas as noites.

A **Lanterna Mágica** mostrar-vos-ha sorridente o perfil fumabulesco das grandes cousas e dos grandes casos e a serena, a inflexível linha recta da vida, — tranquilla como as vossas consciencias, alegre como as vossas phantasias!

Para dourar a face dos heroes, servir-se-ha dos raios do luar e das scintillações do phosphoro, e, ao rufo sacudido do tambor ir-se-ha desenrolando diante de vós o largo panorama do mundo!

O doce violino das commoções romanticas e a trombeta guerreira soarão de quando em quando, por vezes uma rosa cahirá no collo das donzellas e uma leve risada na face dos sujeitos.

Vereis como scintilla n'uma gota d'agua o reservatorio da *Veronica* e o sr. Pinto Coelho, e a alegre procissão da vida irá de continuo desfilar diante dos vossos olhos.

A companhia das aguas acaba de annunciar que de hoje em diante só em dias alternados haverá agua nas zonas alta e media. Como pôde suppôr-se, esta nova affligu em extremo as referidas duas zonas e a cidade sobresaltou-se. Os jornaes dedicam hoje os seus ortigos de fundo ao triste caso e Lisboa levantou-se mais cedo e foi logo pela manhã ao escriptorio da companhia perguntar quando chegava o Alviella. Não lh'o souberam dizer. A companhia tem feito tudo quanto possível para o attrair ao seu regaço: mostra-se expansiva com elle, dá-lhe promessas, o sr. Pinto Coelho dedica-lhe relatorios, diz aos accionistas que é um

excellent rio, d'aguas transparentes e clarissimas; elogia-o, gaba-o e recommenda-o á cidade. Sómente se tem esquecido de mandar fazer a canalisação e parece que é por isso que o Alviella não chega.

RECTIFICAÇÃO

Quando no numero antecedente do nosso jornal, dando noticia d'um incendio na Academia, dissemos:

Oh que suprema ironia!
Morreu um burro queimado
Nos baixos da Academia.
Coitado!

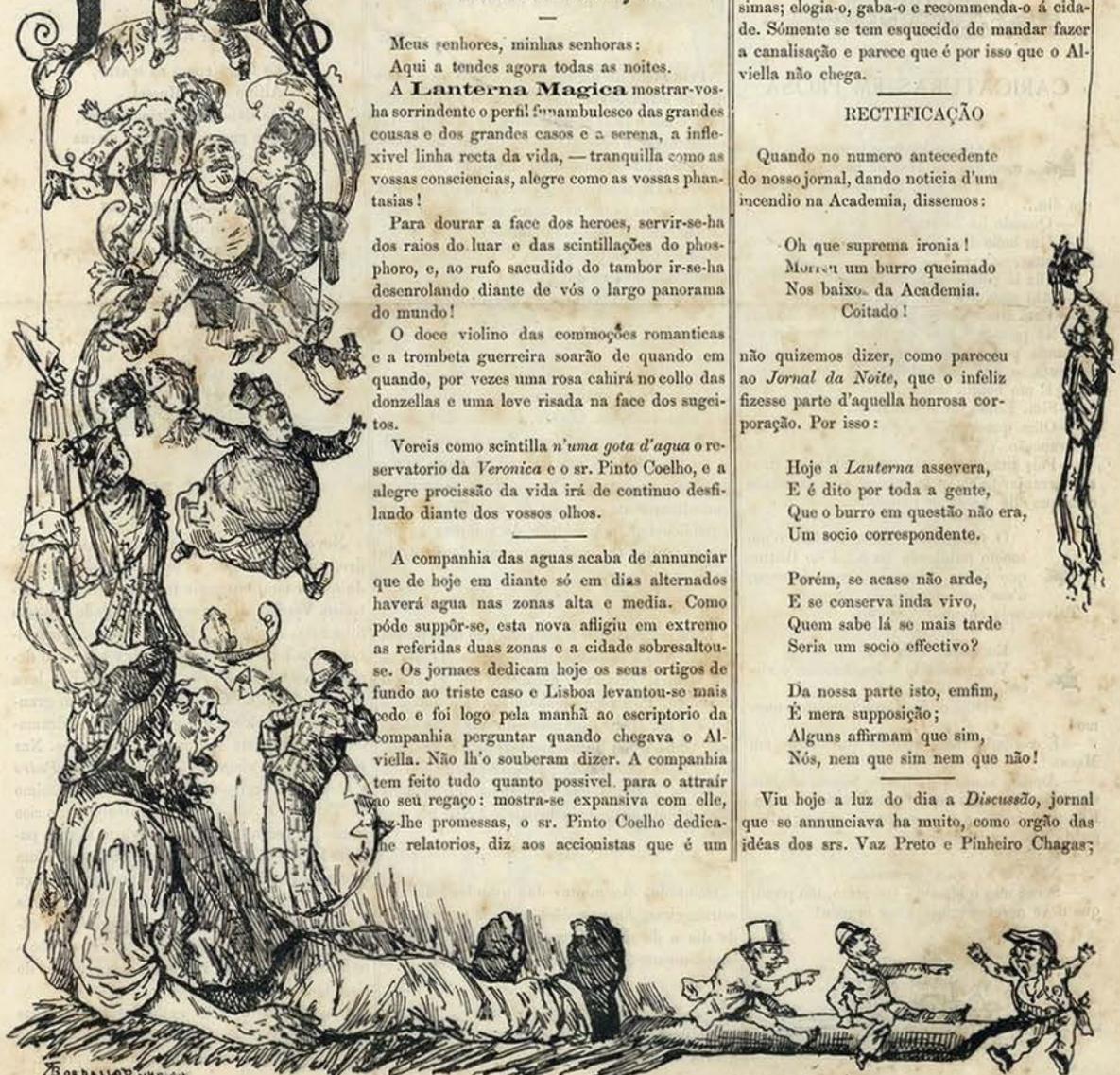
não quizemos dizer, como pareceu ao *Jornal da Noite*, que o infeliz fizesse parte d'aquella honrosa corporação. Por isso:

Hoje a *Lanterna* assevera,
E é dito por toda a gente,
Que o burro em questão não era,
Um socio correspondente.

Porém, se acaso não arde,
E se conserva inda vivo,
Quem sabe lá se mais tarde
Seria um socio effectivo?

Da nossa parte isto, enfim,
É mera supposição;
Alguns affirmam que sim,
Nós, nem que sim nem que não!

Viu hoje a luz do dia a *Discussão*, jornal que se annunciava ha muito, como orgão das idéas dos srs. Vaz Preto e Pinheiro Chagas;



BORDALLO PINHEIRO

não nos dá, porém, novas d'estes dois distinctos políticos, e em vão corremos as quatro paginas da folha para sabermos como ss. ex.^{as} tinham passado a noite. A *Discussão* não diz claramente o principio que defende nem o credo que professa. Lamenta-se em nome dos districtos da Guarda e de Castello Branco, atribulados, e esconjura o sr. coronel Salgado.

Para gloria do sr. Chagas diremos que, pela *escuridão* do artigo de fundo, se deprehende ser elle do sr. Vaz Preto ou d'algun carvoeiro.

No folhetim do jornal, o sr. Pinheiro Chagas attribue a D. Europa esta frase que se pôde attribuir a qualquer outra senhora, mais ou menos honesta:

«Meninas, está aqui um senhor que lhes quer fallar.»



CARICATURAS EM PROSA

— Quero ler-te o primeiro acto do meu drama. Has de gostar.
— Pois sim, havemos de combinar um dia...

— Quando ha de ser?
— Um bello dia. Não imaginas a pressa com que estou.

— Diz lá pouco mais ou menos.
— Ah! para o fim do mez. Adeus...
— Está dito. A coisa parece-me que não está má. No primeiro acto apparece a heroína requestada por um primo que a ama verdadeiramente, e por um seductor. O pae vê o perigo. E um bonito lance...

— Sim. Então até á semana...
— Olha que eu não o publico sem que lhe des sanção... Vê lá!
— Pois sim; se te não poder arranjar Sanção arranjar-te-hei pelo menos o instrumento com que elle matou os philisteus.

O sr. Catão Simões declara n'um soneto publicado no n.º 4 do Bisturi que a sua *alma, sem guarida vaga, n'um ancioio estúpido, immenso*. Talvez seja engano.

Em pleno Chiado:
Vae passando solennemente o visconde de ...
— Olha-o. Está exactamente o mes-

mo!
— É verdade, nem parece que esteve em Macau!

— Aquelle homem e aquelle bigode são um mysterio. Parecem rejuvenecer com o tempo. Elle mais fresco e viçoso do que nunca; o bigode cada vez mais preto.

— Hum!
— Não vez? é uma primavera.
— Será; mas o bigode é tão preto, tão preto, que deve necessariamente ser branco!



A prosa da *Nação* continúa trotando (não é figurado) sobre um dos ultimos acontecimentos da capital: a combinação das lojas fechadas ao domingo. Ella tem citado trechos sagrados, tem demonstrado á saciedade que o descanço d'um dia, depois de 6 de trabalho, se torna indispensavel, não para o corpo, mas para a alma. E o que é certo é que, no seu modo de vêr, a religião catholica se deve attribuir o bom exito das tentativas dos srs. caixeiros, n'este sentido.

Nós estimamos que o catholicismo tome á sua conta a responsabilidade d'um facto, que ha de reclamar contra si a opinião publica, e que as absurdas consequencias d'esta decisão, em vez de ir cair sobre os pobres caixeiros, já muito sobrecarregados de trabalho, vá cair sobre os jornaes catholicos, mergulhados na mais completa ociosidade, ha coisa de 30 annos.

Pelo facto de alguns srs. logistas decidirem que os estabelecimentos se fechem ao domingo, parece-nos que as necessidades do publico, — tão respeitaveis n'esse dia como n'outro qualquer, não suspendem immediatamente as suas exigencias. Digam-n'os uma coisa: não é justo que, de harmonia com os outros estabelecimentos, as pharmacias fechem tambem? Não precisarão os pobres praticantes descançar um momento dos labores das pillulas, dos sinapismos, dos laxantes? Pois bem; porque o não fazem?

As lojas fechadas ao domingo, por combinação, por grève, não representam mais do que um acto violento. Os srs. logistas dizem que combinando-se ficam com a faca e com o queijo na mão. Isto é um engano. Sempre que o publico manifeste uma necessidade, apparecem immediatamente os meios de a satisfazer. Ora o publico tem necessidade de comprar ao domingo muitas coisas. Verão como alguém trata de lh'as fornecer.

Esta reforma não é mais do que uma prepotencia. Não é razoavel, não é logica. D'um lado, os srs. caixeiros declaram que precisam descanço. Pois bem, tenham-n'o. Do outro, o publico faz sentir que necessita das lojas abertas. Como se ha de harmonisar isto? Fechando as lojas na cara do publico? Obrigando os caixeiros a serem uns Prometeus, agrilhoados eternamente ao rochedo do balcão? Não nos parece.

Comtudo, em muitas das grandes officinas estrangeiras, ha occasiões em que se trabalha de dia e de noite. Como é feito isso? Muito simplesmente: revesando os empregados.

Pedimos aos srs. logistas duas coisas: menos grèves e mais caixeiros.



Philibert Andebrand traça com as seguintes palavras o principe de Methernich, um bello perfil de José Mazzini:

«Tive de lutar contra o maior dos soldados; tive que pôr de accordo imperadores, um czar, um sultão, um papa, diversos reis, principes de republicas; tive que atar e desatar muitas vezes as intrigas da côrte; porém, o que me deu mais que fazer foi um italiano magro, pallido, mal vestido, mal penteado, com os sapatas velhos, mas eloquente como a tempestade, fogoso como um apostolo, dissimulado como um ladrão, activo como um funambulo, infatigavel como um amante: chama-se José Mazzini.



A UM ALFERES

És louro como as searas,
Altivo como Musset,
Oh dandy de fórmãs raras,
Que gastas em luvas claras
O teu pret.

Tu em lagrimas ensopas
O coração das mulheres...
Oh D. Juan das nossas tropas,
Oh meu valete de copas,
Meu alferes!...



ANTONIO PEDRO

Novo mundo: ah! te mandamos Antonio Pedro, um homem que se fez um grande actor e de que a familia queria fazer um simples penteceiro. Veréis pela sua certidão d'edade que tem 39 annos. Abriga-o á sombra das tuas palmeiras e dos teus chapéus de Chili e admira-o depois sobre as taboas dos teus palcos. Elle leva comsigo, além de Gil um bom actor, um grande mundo comico e um grande mundo dramatico, um completo sortimento de creações. Nas suas malas de viagem vão: o moleiro de *Pedro o Ruivo* o *Vautroix* dos *Solteirões* o Anselmo do *Tartufo*, o *Alto-vareta*, o *Paralytico*, o riso franco, a graça espontanea, a vasta alegria popular! Pede-lhe os gestos desmanchados d'um estravagante da decadencia e dar-t'os-ha; exige d'elle os tragicos estertores da morte e serás servido; reclama as grandes energias dos caracteres rigidos e ficarás contente; requer-lhe a immensa gargalhada truanesca e rebenstarás de riso. Que mais pretendes?

Dispensa-lhe os teus enthusiasmos, os teus aplausos calorosos e, se quizeres mesmo, o ouro das tuas minas e manda-o para cá depressa.

ACTUALIDADES, por Bordalo Pinheiro



Ai adeus, acabaram-se os dias
 Que ditoso vivi ao teu lado
 Sêa a hora o momento fadado
 É forçoso deixar-te e partir.

SECÇÃO DE ANNUNCIOS

OS THEATROS DE LISBOA

POR

JULIO CESAR MAGHADO



ILLUSTRAÇÕES

DE

RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

Preço 600 rs.

À venda em casa do editor Mattos Moreira & C.^a — Praça de D. Pedro, 68 — Lisboa.

TINTURA INGLESA

DE

HERRINGS & C.^a

UNICO DEPOSITO

60, Praça de D. Pedro, 61 LISBOA



Olha, morte, tu nada tens comigo. Porque não usas tambem a agua Herrings?



Pés que não caíam da loja de Gaudencio.

Depois de calçarem da loja de Gaudencio.

ÀS
DAMAS E AOS CAVALHEIROS

PEDIMOS ATENÇÃO

A LANTERNA MAGICA, folha diaria.

CONDICÇÕES DA ASSIGNATURA

Lisboa, por mez.....	§400 réis	Avulso.....	§020 réis
Provincias, idem.....	§530		

Toda a correspondencia á rua do Principe, 23, 1.^o — Lisboa.

Typ. de Christovão Augusto Rodrigues, rua do Norte, 145.